

PARA UMA LEITURA ALTERNATIVA DE PLATÃO

*Dennys Garcia Xavier**

RESUMO

Traçamos, resumidamente, as linhas gerais do novo critério hermenêutico — fundado pela *escola de Tübingen* e desenvolvido por *Giovanni Reale* — dos diálogos de Platão que tem por pressuposto as denominadas *ágrapha dógmata* (*Doutrinas não-escritas*) do filósofo. Este artigo visa a divulgação daquele critério, face às dificuldades enfrentadas pelo critério anterior — de *F. Schleiermacher* — no confronto direto com questões capitais do pensamento platônico e com os *autotestemunhos* do próprio Ateniense, observados no *Fedro* e na *Carta VII*.

Palavras-chave: hermenêutica, platonismo, esotérico, tradição indireta.

ABSTRACT

We, hereby, present, in a nutshell, the overall guidelines of the new hermeneutical criterion — founded by *Tübingen school* and developed by *Giovanni Reale* — from *Plato's Dialogues* which have as prerogative the so called *ágrapha dógmata* (*Unwritten doctrines*) belonging to the philosopher. This article aims to make this criterion public, considering the difficulties faced by the previous criterion — from *F. Schleiermacher* — in the straightforward discussion with the essential points of the *platonium* thought and with *self-testimony* of the Athenian, himself; found in *Fedro* and in *VII Letter*.

* Doutorando-bolsista em Filosofia Antiga pela *Università degli Studi di Macerata* - Itália.

Keywords: hermeneutics, platonism, esoteric, indirect tradition.

Introdução

Não obstante a notável produção de estudos relativos à exegese das obras de Platão, apenas nos últimos quarenta anos tornou-se possível a pesquisa e o aprofundamento da leitura dos diálogos à luz das assim denominadas *Doutrinas não-escritas* do filósofo. A formulação do novo critério hermenêutico começou a ser esboçada de maneira mais objetiva a partir de 1959 com a publicação da obra de Hans Krämer (*Arete bei Platon und Aristoteles*, Heidelberg), estudioso da *escola de Tübingen*, que, juntamente com K. Gaiser¹, da mesma escola, propugnou a tese segundo a qual sem o Platão *inescrito* o Platão *escrito* seria, em seus traços mais importantes, incompreensível. Essa posição confrontava-se de imediato com o critério hermenêutico inaugurado – e aceito quase sem restrições – por F. Schleiermacher, que postula a autonomia absoluta dos diálogos, dispensando qualquer suporte interpretativo exterior aos próprios textos. Mais tarde, após longo e tortuoso processo laborativo – entre os quais se incluem os anos de estudos em Marburg –, Giovanni Reale publica sua *Per una nuova interpretazione di Platone: Rilettura della metafisica dei grandi dialoghi alla luce delle "Dottrine non scritte"*, cuja versão última foi editada em 1991, com outras oito edições. Ali, Reale buscou sistematizar, com acréscimos de fundamental importância, a investigação acerca do novo paradigma e praticamente oficializou uma nova vertente de estudos que, em certo sentido, acabaria por corresponder aos anseios daqueles que viam no Platão *tradicional* tão-somente um espectro do filósofo que ele deve ter sido na realidade.

Não sem efeito, a resistência com relação à mudança de critérios hermenêuticos para qualquer filósofo costuma ser considerável. Em Platão, artífice daquela que pode ser considerada uma das mais belas

¹ GAISER, Konrad. *La dottrina non scritta di Platone: Studi sulla fondazione sistematica e storica delle scienze nella scuola platonica*. Milano: Vita e Pensiero, 1994.

estruturas da metafísica ocidental e que, como fundamento ou objeto de crítica, amparou e ampara o trabalho de boa parte daqueles que o sucederam, tal resistência se apresenta de forma ainda mais incisiva.

Independentemente das polêmicas que suscita, porém, preocupa-nos o desconhecimento quase absoluto entre estudantes brasileiros dos termos nos quais se assenta um tema que protagoniza parte significativa dos debates especializados por quase toda Europa, em especial, por motivos óbvios, na Itália e Alemanha. Por essa razão é que nos propomos a apresentar sinopticamente os pontos-chave concernentes à nova proposta interpretativa dos diálogos platônicos à luz das *Doutrinas não-escritas*, amparados, nesta sede, pelas conclusões de G. Reale.

Vale ressaltar de antemão que não se propugna aqui o fim da leitura dos diálogos como fonte valorosa e essencial do pensamento do Atenense e, por via de conseqüência, a extinção da exegese do Platão escritor – o que, em todo caso, seria ridículo –, mas, isso sim, a releitura do *Corpus platonicum*, como dissemos já, a partir dos elementos categoriais inaugurados por um novo paradigma hermenêutico, ao que parece, indispensável ao estudioso desprovido de pré-conceitos estabelecidos pela ala reacionária da Academia.

A partir do início do século XIX, recebemos de F. Schleiermacher² o que convencionou-se denominar *critério tradicional* de interpretação das obras platônicas. À época revolucionário e, ainda hoje, largamente utilizado na maior parte das universidades – em especial nas brasileiras – aquele modelo de exegese acabou por desgastar-se, traído pelas regras que lhe são próprias e pela insuficiência metodológica explicitada quando confrontado com questões capitais de alguns diálogos de Platão.

O *critério tradicional* como no-*Io* apresenta Giovanni Reale, funda-se, em linhas sinópticas, no seguinte silogismo³:

² SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Platons Werke*, Berlim 1804-1828. Tradução da Introdução geral para o português de Georg Otte. *Introdução aos diálogos de Platão*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.

³ REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. 9ª ed. São Paulo: Loyola, 1992, p. 10.

- a) o escrito é a principal fonte de expressão de qualquer pensador; em particular, de Platão, escritor de talento extraordinário;
- b) todos os escritos do Ateniense considerados autênticos pela tradição chegaram até nós; caso praticamente único entre os autores da antigüidade clássica;
- c) logo, com os termos apresentados pelo critério em questão, conclui-se que temos condições seguras para extrair tudo o que Platão pensou, uma vez que temos tudo o que escreveu.

Com efeito, o critério hermenêutico representado por esse silogismo parte de uma premissa falsa, basicamente por desconsiderar parcial e, por vezes, completamente, os testemunhos do próprio filósofo contidos no *Fedro* e na *Carta VII*, em que Platão vai de encontro justamente ao sustentáculo de tal critério. Como em parte tentaremos demonstrar, naqueles textos o discípulo de Sócrates posiciona-se contrariamente à autonomia da palavra escrita, fato que não deve ser ignorado, pois deve insinuar a existência de *Doutrinas não-escritas* entre as lições platônicas no recesso da *Academia*.

Nesse momento, é possível que apresentem a seguinte objeção: como, então, explicar o monopólio exercido por tanto tempo pelo paradigma tradicional? Ora, nas palavras de Reale:

*A idade moderna é a expressão mais típica de uma cultura globalmente fundada sobre a escritura, considerada como "medium" por excelência de toda forma de saber.*⁴

Se, de fato, foi nesse clima da preeminência da escrita que o antigo modelo hermenêutico foi concebido e difundido, não é de se espantar que tantos estudiosos tenham descurado os *autotestemunhos* de Platão, ignorando-os, ou limitando-os fortemente, à medida de suas expectativas como intérpretes dos escritos. Diversamente disso, à sua época, Platão parecia mediar um combate *agônico* de duas potências: a da *oralidade*, há muito impregnada na estrutura social e

⁴ REALE, G. *Op. Cit.* p. 13.

cultural da Hélade e a da *escrita*, que, embora incipiente nas relações humanas exercia já considerável influência na *paidéia* do Homem grego.

Discípulo imediato de Sócrates, Platão intuiu a necessidade de registrar por escrito seus estudos e, por outro lado, de respeitar o influxo da oralidade dialética do mestre que o marcou por toda uma existência. De fato, o Ateniese tornou-se senhor daquelas potências, controlando-as e dando, a cada uma delas, o seu lugar na estrutura e no espírito de sua filosofia.

Por importante, vale dizer que a dimensão oral na filosofia platônica parece ter recebido uma função — do ponto de vista epistemológico e metodológico — ainda mais importante que a escrita. Passemos a algumas breves, mas ilustrativas passagens dos *autotestemunhos* de Platão contra a escrita. No *Fedro*, ouvimos de Platão as seguintes palavras:

Sócrates: Então, quem julgasse ser capaz de transmitir uma arte (téchne) com a escritura, e quem a recebesse certo de que daqueles signos escritos poderá extrair daqueles sinais escritos alguma coisa de claro e sólido (saphès kai bébaion), deveria ser muito ingênuo e ignorar, na verdade, o vaticínio de Amon, se considera que os discursos consignados por escrito são alguma coisa mais do que um meio para trazer à memória de quem já sabe (tòn eidóta) as coisas das quais trata o escrito.

Fedro: Certamente.

Sócrates: No que concerne aos discursos, parece que nos divertimos o suficiente. Mas tu deves procurar Lísias e dizer-lhe que nós dois, tendo descido à fonte e ao santuário das Ninfas, ouvimos discursos que nos mandavam dizer a Lísias e a qualquer outro que componha discursos, a Homero e a qualquer outro que tenha composto poesia com música ou sem música, a Sólon e a quem quer que haja composto discursos políticos denominando-os leis: “Se compôs essas obras conhecendo a verdade e está em condição de socorrê-las (boetheîn) quando defende as coisas que escreveu e, ao falar, possa demonstrar a debilidade do texto escrito (tà gegramména phaúla apodeixai), então, um homem assim deve ser chamado não com o nome que têm

aqueles que citamos, mas com um nome derivado do objeto ao qual se aplicou seriamente.

Fedro: E que nome é esse que lhe dá?

Sócrates: Chamá-lo sábio (sophón), Fedro, parece-me exagerado, pois tal nome convém apenas a um deus; mas chamá-lo filósofo, ou seja, amante da sabedoria, ou com algum outro nome deste tipo, seria mais próprio e mais conveniente para ele.

Fedro: E de nenhuma maneira seria fora de propósito.

Sócrates: Ao contrário, aquele que não possui nada de maior valor (mè éxonta timiótera) no que diz respeito àquelas coisas que compôs por escrito, passando muito tempo a girá-las de um lado para outro, colando ou separando uma parte da outra, não o chamarás, com razão, poeta, fazedor de discursos ou redator de leis?

*Fedro: Como não?*⁵

Assim se apresenta o argumento de Platão no trecho supracitado:

- a) aquele que crê na possibilidade de extrair algo de sólido e claro de sinais escritos é ingênuo;
- b) os discursos consignados por escrito nada mais são do que um meio para se trazer à memória aquilo que já se conhece (função “hipomnemática” do escrito);
- c) chamar-se-á filósofo, apenas aquele que, conhecendo a verdade, encontra-se em condições de defender oralmente o que escreveu, explicitando a debilidade do texto escrito; e, poeta, fazedor de discursos ou redator de leis, aqueles que nada possuem de maior valor do que aquilo que escreveram.

Soma-se ao que já foi dito, apenas um argumento — pela impossibilidade de trabalharmos aqui todos os contornos do texto —, de vários apresentados na *Carta VII* e que agora lemos:

⁵ *Fedro*, 274b - 278e. As versões em português apresentadas neste artigo resultam da leitura comparativa entre o texto grego — *Platonis Opera*, ed. J. Burnet. Oxford, 1892-1906 (com várias edições) — e a tradução para o inglês editada por John M. Cooper (*Plato: Complete Works*. Edited, with introduction and notes, by John M. Cooper. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 1997).

(...) posso dizer sobre todos aqueles que escreveram ou que escreverão, todos aqueles que afirmam saber aquelas coisas sobre as quais penso, seja por tê-las ouvido de mim, seja por tê-las ouvido de outros, seja por tê-las descoberto sozinhos, não é possível, a meu ver, que tenham entendido algo desse objeto. Sobre essas tais coisas não existe um texto escrito meu nem existirá jamais (oúkoun emón ge perì autón éstin súngamma oudè mépote génetai).

(...) isto eu sei: que se tivessem que ser escritas ou ditas, eu o faria do melhor modo possível, e que se fossem mal escritas eu sentiria muitíssimo. Se, ao contrário, eu acreditasse que essas coisas deveriam ser escritas – e se pudessem comunicar de modo adequado aos muitos (toùs polloùs) – o que eu teria podido fazer de mais belo na minha vida do que escrever doutrina muitíssimo útil aos homens e trazer à luz para todos a natureza das coisas? Mas eu não acredito que um texto e uma comunicação sobre tais argumentos seja um benefício para os homens (all'ouíte anthrópois hegoúmai tèn epicheíresin perì autón legoménen agathón), senão para aqueles poucos que sozinhos são capazes de encontrar o verdadeiro com poucas indicações dadas a eles, enquanto os outros se encheriam, alguns, de um desprezo injusto, em nada conveniente, outros, ao contrário, de uma arrogante e vazia presunção, certos de terem aprendido coisas magníficas.

(...) não há perigo de que alguém esqueça estas coisas, uma vez que tenham sido bem compreendidas pela alma, pois que se reduzem a proposições extremamente breves.⁶

Para Platão, as coisas de maior valor não se encontram no escrito, mesmo que concebido por um filósofo, mas, pelo contrário, encontram-se na dimensão da oralidade. As verdades não devem – ou não precisam – ser escritas, segundo Platão, por basicamente duas razões:

a) ao travarem contato com tal escrito, alguns se encheriam de

⁶ Carta VII, 340b-345c.

presunção por acharem saber o que, de fato, ignoram; enquanto outros desprezariam-no injustamente por não o terem compreendido;

b) as coisas verdadeiras resumem-se a pouquíssimas proposições e, quando gravadas na alma, não há perigo de esquecê-las.

A importância da *tradição indireta* na reconstrução do *Corpus platonicum*.

Resgatar a doutrina de Platão reservada à oralidade é *myster* para a edificação estrutural do novo critério hermenêutico, uma vez que, sem ela, não temos o que o filósofo chamou — ele próprio — de *o mais importante*. Ora, o melhor lugar para se encontrar tal doutrina é certamente nos textos de caráter doxográfico escritos por discípulos diretos e/ou indiretos de Platão e por filósofos posteriores a ele que de alguma forma tiveram acesso ao conteúdo das lições doutrinárias do nosso filósofo. A *tradição indireta* de Platão é composta por pensadores e comentadores que vão do próprio Aristóteles e de pensadores contemporâneos a ele (como Hermodoro), passando por discípulos e comentadores do Estagirita (como Aristóxeno, Alexandre de Afrodísia e Teofrasto), até filósofos tardo-antigos. Eis, para fins de divulgação, apenas um trecho de um dos textos que compõem aquela tradição (neste caso, Simplício, citando Alexandre de Afrodísia):

*Diz Alexandre: “Segundo Platão, os Princípios de todas as coisas e das próprias idéias são o Uno e a Díade indeterminada, que ele chamava grande-e-pequeno, como também Aristóteles lembra nos livros Sobre o Bem. Mas isso se poderia saber também de Espêusipo (sobrinho de Platão) e de Xenócrates e dos outros que assistiram ao curso Sobre o Bem de Platão. Com efeito, todos registraram por escrito e conservaram a opinião de Platão, e dizem que ele usa esses Princípios”.*⁷

⁷ Simplício, *In Arist. Phys.*, p. 151, 6-9 Diels. O mais completo catálogo da *tradição indireta* publicado até o momento é o de GAISER, Konrad. *Testimonia Platonica*. Vita e Pensiero, Milano, 1963.

Contudo, poderiam objetar, não havia o próprio Platão interdito o registro escrito de sua doutrina oral? Porventura seus discípulos traíram a confiança do mestre?

A resposta é não. Explica-se: na verdade, o Ateniese não postulou, em momento algum, a impossibilidade de se escrever as coisas de maior valor, mas sim, afirmou a *inutilidade* e a *ineficácia* de fazê-lo⁸. Devemos à relutância — e não à desobediência — dos discípulos, frente à advertência de Platão, o fato de não termos perdido uma das páginas mais importantes da filosofia ocidental, cujo destino era o de desaparecer após pouco mais de duas gerações de sua gênese.

Como diz Reale, Platão reprovava, sobretudo, a exposição de sua doutrina oral a um público inadequado e incapaz de compreendê-la; o que, certamente, acarretaria um sem-número de mal-entendidos e de reprovações infundadas⁹.

Ao transcreverem as *ágrapha dógmata*, os discípulos de Platão — ao menos dos que se têm notícias — não pareciam ter o desejo de transmiti-las ao grande público, mas, ao contrário, apenas de utilizá-las no recesso da *Academia*. Em socorro do que dissemos, Nietzsche escreveu:

Toda hipótese (i.é. de Schleiermacher) está em contradição com a explicação que se encontra no Fedro, e se apoia numa falsa interpretação. Com efeito, Platão diz que o escrito possui a sua significação somente para aquele que já sabe, como meio de recurso à memória. Portanto, o escrito mais perfeito deve imitar a forma do ensinamento oral exatamente com o fim de fazer lembrar o modo como aquele que conhece tornou-se cognoscente.

O escrito deve ser “um tesouro para o recurso à memória” para quem escreve e para seus companheiros filósofos. Ao invés, para Schleiermacher o escrito deve ser um meio que é o melhor em segundo grau para conduzir aquele que não sabe ao saber. A totalidade dos escritos tem uma finalidade geral própria de ensino e educação. Mas, de

⁸ Carta VII, 340b - 341b.

⁹ REALE, G. *Op.Cit.* p. 22.

*acordo com Platão, o escrito em geral não tem uma finalidade de ensino e educação, e sim a finalidade de avivar a memória daquele que já é educado e já possui o conhecimento. A explicação da passagem do Fedro pressupõe a existência da Academia, e os escritos são meios para ajudar a memória daqueles que são membros da Academia.*¹⁰

Como se pôde observar, e a isso aludimos já, o paradigma hermenêutico proposto pela *escola de Tübingen-Milão*, em momento algum, diminui a importância dos diálogos como fonte imorredoura do pensamento de Platão, mas, ao contrário, procura torná-los mais compreensíveis e sólidos, na medida em que procura estabelecer um fecundo contato entre o que o filósofo escreveu e aquilo que, ao que tudo indica, preferiu manter no âmbito das lições orais.

Aqueles que negam ainda hoje a validade científica da *tradição indireta* — sem atentar para as conseqüências que as informações contidas ali possam ter para uma compreensão mais correta (ou menos problemática) do pensamento de Platão — erram por ignorar o clássico preceito filológico segundo o qual é preciso integrar a totalidade do material disponível referente ao objeto que se investiga, a fim de formar uma imagem o mais completa possível dele (preceito que, aliás, foi e continua sendo amplamente utilizado em trabalhos especializados sobre outros autores da Antigüidade clássica). Não por outra razão, causa estranheza o fato de que alguns dos maiores defensores da absoluta autonomia da escrita em Platão se valham muitas vezes dos próprios diálogos do filósofo para diminuir a importância das *ágrapha dógmata*, numa espécie de heterogênese das finalidades. Se os indícios de um conteúdo esotérico na filosofia platônica decorrem de uma confusão do texto escrito, supomos, *a fortiori*, que os textos não podem ser totalmente “autônomos” para um estudo sério e completo sobre Platão. Eis, a nosso ver, um motivo suficientemente forte para que esforços sistemáticos sejam feitos com o intuito de conhecermos melhor as mais novas categorias hermenêuticas disponíveis aos platonizantes.

¹⁰ NIETZSCHE, F. *Gesammelte Werke*, Musarion Ausgabe, IV, p. 370.

Bibliografia

I. Textos-base de Aristóteles e Platão

ARISTÓTELES. *Física I-II*. Tradução e notas de Lucas Angioni. Campinas: IFCH/UNICAMP, 2002.

_____. *Metafísica*. Edição bilíngüe estabelecida por Giovanni Reale (com tradução para o português de Marcelo Perine). São Paulo: Loyola, 2002.

PLATÃO. *Platonis Opera*, ed. J. Burnet. Oxford, 1892-1906 (com várias edições).

_____. *A República*. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

_____. *Fedro – Cartas – Primeiro Alcibiades*. Belém: Ed. Universitária UFPA, 1975.

_____. *The Dialogues of Platô*. Tradução inglesa por Benjamin Jowett, ed. Encyclopaedia Britannica.

II. Bibliografia secundária

BURNET, J. *Greek Philosophy*. London, 1914.

CAIZZI, Fernanda. *Filologia, Filosofia e “nuovi paradigmi”*. In *margin e a un'edizione del Fedro di Platone*. *Rivista di storia della filosofia*, 53, 1998.

CHERNISS, Harold. *The Riddle of the Early Academy*. Berkeley-Los Angeles, 1945.

_____. *Aristotle's Criticism of Plato and the Academy*. Baltimore, 1944 (Nova Iorque, 1974).

DERRIDA, Jacques. *A Farmácia de Platão*. Tradução de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1991.

FINDLAY, J. N. *Plato: The Written and Unwritten Doctrines*. New York, 1974.

GADAMER, Hans-Georg. *Dialogue and Dialectic: Eight hermeneutical studies on Plato*. Translated and with introduction by P. Christopher Smith. Yale University Press, 1980, p.p. 124-129.

GAISER, Konrad. *La dottrina non scritta di Platone: Studi sulla fondazione sistematica e storica delle scienze nella scuola platonica*. Milano: Vita e Pensiero, 1994.

_____. *Il mosaico dei filosofi di Napoli: una raffigurazione dell'Accademia di Platone*. "Studi Filosofici", pp. 35-60. Florença, 1981.

_____. *Testimonia Platonica*. Milano: Vita e Pensiero, 1963.

GUTHRIE, W. K. C. *Historia de la filosofía griega*. Vol. IV. Madrid: Ed. Gredos, 1988.

HAVELOCK, Eric. *A Revolução da Escrita na Grécia*. São Paulo: Ed. Unesp, 1994.

_____. *Prefácio a Platão*. São Paulo: Ed. Papirus, 1996.

KRÄMER, Hans. *Platone e i fondamenti della metafisica*. Introduzione e traduzione di Giovanni Reale. Milano: Vita e Pensiero, 2001.

_____. *Il paradigma romantico nell'interpretazione di Platone*. Napoli: Istituto Suor Orsola Benincasa, 1991.

NIETZSCHE, F. *Gesammelte Werke*, Musarion Ausgabe, IV.

PARENTE, M.I. *Testimonia Platonica I. In: Memorie dell'Accademia Nazionale dei Lincei. Classe di scienze morali, storiche e filologiche, serie IX, vol. X, fascicolo 4, 1997.*

PERINE, Marcelo. *O significado de "Sungramma" na interpretação da escola platônica de Tübingen. Síntese Revista de Filosofia. Nº 99, (2004), pp. 5-12.*

REALE, Giovanni. *Para uma nova interpretação de Platão. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Ed. Loyola, 1997.*

_____. *História da Filosofia Antiga. 9ª ed. São Paulo: Ed. Loyola, 1992.*

_____. *Metafísica de Aristóteles: Sumário e Comentários. Vol. 3. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.*

ROBIN, Léon. *La theorie platonicienne des idées et des nombres d'après Aristote. Paris: Alcan, 1908.*

SCHLEIERMACHER, F. D. E. *Platons Werke, Berlim 1804-1828. Tradução da Introdução geral para o português de Georg Otte. Introdução aos diálogos de Platão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.*

SZLEZÁK, T. A. *Platone e la scrittura della filosofia. Analisi di struttura dei dialoghi della giovinezza e della maturità alla luce di un nuovo paradigma ermeneutico. Introduzione e traduzione di G. Reale. Milano: Vita e Pensiero, 1992.*

TRABATTONI, Franco. *Oralidade e Escrita em Platão. Tradução de Fernando Rey Puente e Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Discurso Editorial; Ilhéus: Editus, 2003.*

Data de Registro 21/06/02

Data de Aceite 19/11/04